



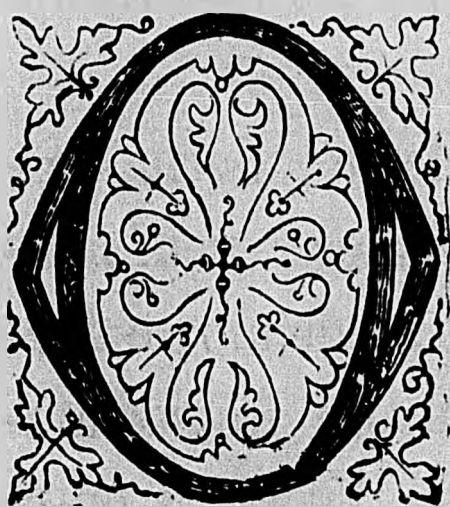
DECADENCIA

DE DOIS GRANDES HOMENS.

BIBLIOTHECA NACIONAL E PUBLICA

— DO —

RIO DE JANEIRO



s antigos frequentadores do Café Carceller hão de recordar-se de um velho que alli ia todas as manhãs ás oito horas, almoçava, lia os jornaes, fumava um charuto, dormia cerca de meia hora e sahia. Estando de passagem no Rio de Janeiro, aonde viera para tratar questões politicas com os ministros, atirei-me ao prazer de estudar todos os originaes que encontrava, e não tenho duvida em confessar que até então só tinha encontrado copias. O velho appareceu a tempo ; tratei de analysar o typo.

Era meu costume, — costume das montanhas mineiras, — accordar cedo e almoçar cedo. Ia fazel-o ao Carceller, justamente á hora do velho, dos empregados publicos e dos escreventes de cartorio. Sentava-me á mesa que enfrentava com a do velho, e que era a penultima do lado esquerdo contando do fundo para a rua. Era elle homem de seus cincoenta annos, barbas brancas, olhos encovados, côr amarella, algum abdomen, mãos ossudas e compridas. Comia vagarosamente algumas fatias de pão de ló e uma chavena de chocolate. Durante o almoço não lia ; mas apenas acabado o chocolate, accendia um charuto que tirava do bolso, que era sempre do mesmo tamanho, e que no fim de certo tempo tinha a vir-

tude de o fazer adormecer e deixar cahir das mãos o jornal que estivesse lendo. Encostava então a cabeça á parede, e dormia placido e risonho como se algum sonho agradável lhe estivesse dansando no espirito; ás vezes abria os olhos, contemplava o vacuo, e continuava a dormir tranquillamente.

Indaguei do caixeiro quem era aquelle freguez.

— Não sei, respondeu; almoça aqui ha quatro annos, todos os dias, á mesma hora.

— Tem elle por aqui algum conhecido?

— Nenhum; apparece só e retira-se só.

Aguçava-se me a curiosidade. Ninguem conhecia o velho; era mais uma razão para conhecê-lo eu. Procurei travar conversa com o desconhecido, e aproveitei uma occasião em que elle acabava de engolir o chocolate e procurava com os olhos algum jornal.

— Aqui está este, disse-lhe eu, indo levar-lh'o.

— Obrigado, respondeu-me o homem sem levantar os olhos e abrindo a folha.

Não obtendo mais nada, quiz travar conversa por outro modo.

— Traz hoje um magnifico artigo sobre a guerra.

— Ah! disse o velho com indifferença.

Nada mais.

Voltei ao meu lugar disposto a esperar que o velho lesse, dormisse e acordasse. Paciencia de curioso, que ninguem a tem maior, nem mais fria. Ao cabo do tempo do costume tinha o homem lido, fumado, e dormido. Acordou, pagou o almoço e sahio. Acompanhei-o immediatamente; mas o homem tendo chegado á esquina, voltou e foi até á outra esquina, onde se demorou, seguiu por uma rua, tornou a parar e a voltar, a ponto que eu desisti de saber onde iria elle ter, tanto mais que n'esse dia devia entender-me com um dos membros do governo, e não podia perder a occasião.

Quando no dia seguinte, eram 15 de Março, voltei ao Carceller, encontrei lá o meu homem, assentado no lugar do costume; estava acabando de almoçar; almocei tambem; mas d'esta vez guardou-me o mysterioso velho uma surpresa; em vez de pedir um jornal e fumar um charuto, encostou a cara nas mãos e começou a olhar para mim.

— Bom! disse eu; está amansado. Naturalmente vae dizer-me alguma cousa.

Mas o homem nada disse e continuou a olhar para mim. A expressão dos olhos, que de ordinario era morta e triste, n'essa occasião tinha um

quê de terror. Suppondo que elle quizesse dizer-me alguma cousa, fui o primeiro a dirigir-lhe a palavra.

— Não lê hoje os jornaes?

— Não, respondeu-me elle com voz sombria; estou pensando...

— Em que?

O velho fez um movimento nervoso com a cabeça e disse:

— São chegados os idos de Março!

Estremeci ouvindo esta singular resposta, e o velho, como se não visse o movimento, continuou:

— Comprehende, não? É hoje um tristissimo anniversario.

— A morte de Cesar? perguntei eu rindo.

— Sim, respondeu o velho com voz cavernosa.

Não tinha que ver; era algum homem maniaco; mas que haveria de eomum entre elle e o vencedor das Gallias? A curiosidade cresceu; e aproveitei a disposição em que o velho estava de travar conhecimento. Levantei-me e fui sentar-me á mesa d'elle.

— Mas que tem o senhor com a morte de Cesar?

— O que tenho com a morte d'aquelle grande homem? Tudo.

— Como assim?

O velho abriu a boca e ia responder; mas a palavra ficou-lhe no ar e o homem voltou á taciturnidade habitual. Occupei esse tempo em contemplal-o mais detidamente e de perto. Olhava elle para a mesa, com as mãos postas debaixo das orelhas; os musculos do rosto estremeciam de quando em quando, e os olhos rolavam dentro das orbitas como favas nadando em prato de molho. No fim de algum tempo olhou para mim, e eu aproveitei a occasião para dizer-lhe:

— Quer um charuto?

— Obrigado; eu só fumo dos meus; são charutos opiados, grande recurso para quem quer esquecer um grande crime. Quer um?

— Não tenho crimes.

— Não importa; colherá prazer em fumar-o.

Acceitei o charuto, e guardei-o.

— Consente que o guarde?

— Pois não, respondeu elle.

Outro silencio mais prolongado. Vi que o homem não estava para conversa; a fronte se lhe entristecia cada vez mais como a Tijuca quando está para cahir temporal. Ao cabo de alguns longos minutos, disse-lhe eu:

— Sympathiso muito com o senhor; quer que eu seja seu amigo?

Luziram os olhos do homem.

— Meu amigo? disse elle ; oh ! porque não ! preciso de um, mas de um amigo verdadeiro.

Estendeu-me a mão, que eu lhe apertei com affecto.

— Como se chama? perguntei-lhe eu.

Sorrio o velho, soltou das cavernas do peito um longo e magoadissimo suspiro, e respondeu-me :

— Jayme. E o senhor ?

— Miranda, doutor em medicina.

— É brasileiro ?

— Sim, senhor.

— Meu patricio então ?

— Creio.

— Meu patricio !...

E dizendo isto o velho teve um sorriso tão infernal, tão sombrio, tão lugubre, que eu tive idéa de me ir embora. Reteve-me a curiosidade de chegar ao fim. Jayme não prestava attenção ao que se passava alli, e exclamava de quando em quando :

— Os idos de março ! os idos de março !

— Olhe, meu amigo Sr. Jayme, quer ir dar um passeio comigo ?

Acceitou sem dizer palavra. Quando nos achamos na rua perguntei-lhe se preferia algum lugar.

Respondeu-me que não.

Andámos ao acaso ; eu procurava travar conversa afim de distrahir o homem dos idos de março ; e consegui a pouco e pouco que se tornasse mais conversador. Era então apreciavel. Não fallava sem gesticular com o braço esquerdo, com a mão fechada, e o dedo prolegar aberto. Contava anedotas de mulheres e mostrava-se grande apreciador do sexo amavel ; era eximio na descripção da belleza feminina. A conversa passou á historia, e Jayme exaltou os tempos antigos, a virtude romana, as paginas de Plutarcho, Tito Livio e Suetonio. Sabia o Tacito de côr e dormia com Virgilio, disse elle. Seria um doudo, mas conversava com muito juizo.

Sobre a tarde tive fome e convidei-o a jantar.

— Comerei pouco, respondeu Jayme ; estou indisposto. Ai ! os idos de Março !

Jantámos em hotel, e eu quiz acompanhá-lo á casa, que era na rua da Misericordia. Consentio n'isso com verdadeiro explosão de alegria. A casa dizia com o dono. Duas estantes, um globo, varios alfarrabios expalhados no chão, uma parte sobre uma mesa, e uma cama antiga.

Eram seis horas da tarde quando entrámos. Jayme tremia quando chegou á porta da sala.

— Que tem ? perguntei-lhe eu.

— Nada, nada.

Mal entravamos na sala, pulou da mesa, onde se achava acorado, um enorme gato preto. Não fugio; saltou aos hombros de Jayme. Este tremeu todo e procurou aquietar o animal passando-lhe a mão pelo lombo.

— Socega, Julio ! dizia elle, em quanto eu com o olhar inspeccionava o albergue do homem e procurava cadeira onde me sentasse.

O gato pulou depois á mesa e fitou em mim dois grandes olhos verdes, fulminantes, interrogadores; comprehendi o susto do velho. O gato era modelo na especie; tinha certo ar de ferocidade da onça, de que era miniatura acabada. Era todo preto, pernas compridas, longas barbas; gordo e alto, tendo uma extensa cauda que brincava no ar dando saltos caprichosos. Tive sempre antipathia aos gatos; aquelle causava-me horror. Parecia-me que ia saltar sobre mim e esganar-me com as largas patas.

— Mande o seu gato embora, disse eu a Jayme.

— Não faz mal, respondeu-me o velho. Julio Cesar, não é verdade que tu não fazes mal a este senhor ?

O gato voltou-se para elle; e Jayme beijou repetidas vezes a cabeça do gato. Do susto passára á effusão. Comprehendi que seria pueril assustar-me quando o animal era tão manso, ainda que não comprehendi o medo do velho quando entrou. Haveria alguma cousa entre aquelle homem e aquelle bicho? Não pude explical-o. Jayme acariciou o gato em quanto eu por me distrahir lia o titulo das obras que estavam nas estantes. Um dos livros tinha no lombo este titulo : *Metempsychose*.

— Acredite na metempsychose? perguntei eu.

O velho, que estava occupado em tirar o paletó e vestir um chambre de chita amarella, interrompeu aquelle serviço, para dizer-me :

— Se acredito ? Em que queria o senhor que eu acreditasse ?

— Um homem instruido, como o senhor, não devia crer em tolices d'esta ordem, respondi abrindo o livro.

Jayme acabou de vestir o chambre, e veio a mim.

— Meu caro senhor, disse elle; não zombe assim da verdade; nem zombe nunca de philosophia nenhuma. Toda a philosophia pode ser verdadeira; a ignorancia dos homens é que faz de uma ou de outra a crença de moda. Comtudo para mim, que as conheci todas, só uma é a verdadeira, e é essa a que allude o senhor com tanto desdem.

— Mas...

— Não me interrompa, disse elle ; quero convencel-o.

Levou-me a uma poltrona de couro e obrigou-me a sentar alli. Depois foi sentar-se ao pé da mesa, em frente a mim e começou a desenvolver a sua theoria, que eu ouvi sem pestanejar. Jayme tinha a palavra facil, ardente, impetuosa ; animavam-se lhe os olhos, tremia-lhe o labio, e a mão, a famosa mão esquerda, agitava no ar o dedo polegar aberto e curvo como um ponto de interrogação.

Ouvi o discurso do homem, e não ousei contestar-lh'o. Era evidentemente um doudo ; e ninguém discute com homem doudo. Jayme acabou de fallar e cahio n'uma especie de prostração. Cerrou os olhos e ficou insensivel alguns minutos. O gato saltou á mesa, entre mim e elle, e começou a passar a mão pela cara de Jayme, o que o fez despertar d'aquelle abatimento.

— Julio ! Julio ! exclamava elle beijando o gato ; será hoje ? será hoje ?

Julio não parecia entender a pergunta ; alteou o lombo, descreveu com a cauda algumas figuras geometricas no ar , deu dois saltos e pulou ao chão.

Jayme accendeu um lampião , em quanto eu me levantava para me ir embora.

— Não se vá, meu amigo, disse-me Jayme ; peço-lhe um favor.

— Qual ?

— Fique comigo até á meia noite.

— Não posso.

— Porque ? não imagina que favor me faria !

— Tem medo ?

— Hoje tenho : são os idos de Março.

Consenti em ficar.

— Não me dirá, perguntei eu, que tem o senhor com os idos de Março ?

— Que tenho ? disse Jayme com os olhos em fogo. Não sabe quem sou ?

— Pouco sei.

— Não sabe nada.

Jayme inclinou-se sobre a mesa e disse-me ao ouvido :

— Sou Marco Bruto !

Por mais extravagante que estas palavras pareçam ao frio leitor , confesso que me causaram profunda sensação. Recuei a cadeira e contemplei a cabeça do velho. Pareceu-me que a illuminava a virtude romana. Os olhos tinham fulgores de padre conscripto ; o labio parecia estar fazendo uma oração á liberdade. Durante alguns minutos saboreou elle silencio-

samente a minha silenciosa admiração. Depois, sentando-se outra vez :

— Marco Bruto sou, disse ainda que esta revelação lhe cause espanto. Sou aquelle que encabeçou a momentanea victoria da liberdade, o assassino (em que me peze o nome !) o assassino do divino Julio.

E voltando os olhos para o gato, que estava sobre uma cadeira, entrou a contemplal-o com uma expressão de arrependimento e dôr. O gato fitou n'elle os olhos verdes, redondos, e n'esta contemplação reciproca ficaram até que eu para obter maior explicação do que presenciava, perguntei ao velho :

— Mas, Sr. Bruto, se é aquelle grande homem que assassinou Cesar porque receia os idos de Março ? Cesar não voltou cá.

— A causa do meu receio ninguem a sabe ; mas eu lh'a direi francamente, pois é o unico homem que tem mostrado interesse por mim. Receio os idos de Março, porque...

Estacou ; enorme trovão rolou nos ares e pareceu abalar a casa até os alicerces. O velho ergueu os braços e os olhos para o tecto e fez mentalmente uma prece a algum deus do paganismo.

— Será a hora ? perguntou elle baixinho.

— De que ? perguntei.

— Do castigo. Ouça mancebo ; o senhor é filho de um seculo sem fé nem philosophia ; não conhece o que é a colera dos deuses. Tambem eu nasci n'este seculo ; mas trouxe comigo as virtudes da minha primeira appareição na terra : corpo de Jayme, alma de Bruto.

— Então já morreu antes de ser Jayme ?

— Sem duvida ; é sabido que morri ; ainda que eu desejasse negal-o, ahi estaria a historia para dizer o contrario. Morri ; seculos depois, voltei ao mundo com esta forma que vê ; agora voltarei a outra forma e...

Aqui o velho começou a chorar. Consolei-o como pude, em quanto o gato, trepando á mesa, veio acaricial-o com uma affeição bem contraria á indole de uma onça. O velho agradeceu as minhas consolações, e as caricias de Julio. Aproveitei a occasião para lhe dizer que effectivamente eu imaginava que o illustre Bruto devia ter aquella figura.

O velho sorrio.

— Estou mais gordo, disse elle ; n'aquelle tempo eu era magro. Causa natural : homem gordo não faz revolução. Bem o comprehendia Cesar quando dizia que não temia a Antonio e Dollabella, mas sim aquelles dois sujeitos amarellos e magros e eramos Cassio e eu...

— Pensa então o senhor que...

— Penso que homem gordo não faz revolução. O abdomen é natural-

mente amigo da ordem; o estomago pode destruir um mperio; mas ha de ser antes de jantar. Quando Catilina encabeçou a celebre conjuração a quem foi procurar? Foi procurar a gente que não tinha um sestercio de seu, a turba dos clientes, que vivia de esportulas, não os que viviam pomposamente em Tusculo ou Baías.

Achei curiosa a doutrina e disse a proposito algumas palavras que nos distrahiram do assumpto principal.

O genro de Catão continuou :

— Não lhe contarei, pois sabe historia, a conjuração dos idos de Março. Apenas lhe direi que eu entrara n'aquella sinceramente, por quanto, como muito bem disse um poeta inglez, que depois me metteu em scena, eu matei Cesar, não por odio a Cesar, mas por amor da república.

— Apoiado !

— O senhor é deputado? perguntou o velho sorrindo.

— Não, senhor.

— Pensei. Aproveito a occasião para dizer-lhe que a tactica parlamentar de tomar tempo com discursos até o fim das sessões não é nova.

— Ah !

— Foi inventada por meu illustre sogro, o incomparavel Catão, quando Cesar, voltando vencedor de Hespanha, queria o triumpho e o consulado. A assemblea inclinava-se a favor do pretendente; Catão não teve outro meio : subio á tribuna e fallou até á noite, fallou sem parar um minuto. Os ouvintes ficaram estafados com a harenga, e Cesar vendo que não podia ceder a um homem d'aquelle calibre, dispensou o triumpho, e veio pleitear o consulado.

— De maneira que hoje quando um orador toma o tempo até o fim da hora?...

— Está na altura de Catão.

— Tomo nota.

— Ah! meu rico senhor, a vida e uma eterna repetição. Todos inventam o inventado.

— Tem razão.

— Matámos o divino Julio, e mal lhe posso dizer o assombro que se seguiu ao nosso crime... Crime lhe chamo porque reconheço hoje que o era; mas sou obrigado a dizer que o illustre Cesar offendêra a magestade romana. Eu não fui o inventor da conjuração; toda a gente estava inspirada dos meus desejos. Eu não podia entrar no senado que não achasse essa cartinha : « *Dormes, Bruto?* » ou então : « *Ai, Bruto que já o não*

és. » De toda a parte me instigáram. Uniram-se todos os odios ao meu, e o mundo presenciou aquella tremenda catastrophe...

Jayme ou Bruto, que eu realmente não sei como lhe chame, concentrou um pouco o seu espirito; depois levantou-se, foi á porta, espiou, deu uma carreirinha e veio sentar-se de frente de mim.

— Ha de ter lido que a sombra de Cesar me appareceu depois duas vezes, sendo que, da segunda, veio silenciosa e silenciosa se foi. É um erro. Da segunda vez foi que eu ouvi tremendo segredo que lhe vou revelar. Não o disse a ninguem por medo, e medo de que se dissesse de mim. Vá, abre os ouvidos...

N'esse momento o gato começou a dar saltos vertiginosos.

— Que diabo é isto? disse eu.

— Não sei; creio que está com fome. São horas de ceirmos.

Jayme-Bruto fol buscar a ceia do gato, e trouxe para a mesa um assado frio, pão, queijo inglez, e vinho italiano e figos seccos.

— Os vinhos italianos são uma recordação de minha vida anterior, disse elle. Quanto aos figos, se não são de Tusculo, ao menos os fazem lembrar.

Comemos tranquillamente; eram então oito horas, e o velho estava ancioso que batessem as doze. Comia bem o meu amphytrião e por isso estava tão nédio. Ao cabo de meia hora accendeu elle um charuto, e eu o mesmo que elle me havia dado de manhã, e continuamos a fallar de Cesar.

— Appareceu-me a sombra, disse elle, e desenrolou um libello dos males que eu havia feito á republica com a morte d'elle, e ao mesmo tempo accrescentou que o meu crime nada salvára, pois era inevitavel a decadencia da republica. Como eu respondesse um pouco irritado, a sombra soltou estas fatidicas palavras: « Bruto, os deuses querem punir-te da minha morte. Voltaremos ao mundo outra vez debaixo da forma humana, e depois, immediatamente depois, minha alma passará ao corpo de um gato. D'ahi em diante, Bruto, teme sempre os idos de Março, porque a um d'esses anniversarios será transformado em rato, e engolido por mim.

Tirei o charuto da boca, e contemplei a cara do meu interlocutor. Era impossivel que não estivesse proximo um accesso de loucura; mas o olhar do homem conservava a mesma intelligencia e serenidade. Elle respirava a fumaça com delicias e olhava, ora para o tecto, ora para o gato.

— É um doudo manso, pensei eu, e continuei a fumar em quanto o velho continuou:

— Comprehende o senhor por que motivo receio estes malditos idos de Março, anniversario do meu crime.

Atirou fóra o charuto.

— Não fuma ? perguntei eu.

— D'estes não fumo hoje.

— Quer dos meus ?

— Aceito.

— Dei-lhe um charuto , que elle accendeu , e eu continuei a fumar o d'elle, que me fazia sentir delicias ineffaveis. Ia-se me o corpo ficando molle; estendi-me na poltrona e prestei ouvidos ao amphytrião.

Este passeava vagarosamente, gesticulando, rindo sem motivo, outras vezes chorando, tudo como quem tem alguma mania na cabeça.

— Não, me dirá, perguntei eu, se é n'este gato que está a alma de Julio?

— Sem duvida, é n'este bicho que se metteu a alma d'aquelle grande homem, o primeiro do universo.

O gato não pareceu reparar n'essa adulação posthuma do nobre Bruto, e foi collocar-se no sophá em acção de querer dormir. Puz os olhos no animal, e admirei o que eram os destinos humanos. Cesar estava reduzido á condição de animal domestico! Aquelle gato, que estava alli diante de mim, tinha escripto os Commentarios, subjugado os Gaullezes, vencido Pompeo, destruido a republica. Saciava-se agora com uma simples ceia, quando outr'ora queria dominar todo o universo.

Jayme veio tirar-me das minhas cogitações.

— Poderia eu ter alguma duvida acerca da identidade d'este animal, disse elle; mas tudo me prova que é elle o meu divino Julio.

— Como ?

— Apareceu-me aqui uma noite sem que a porta estivesse aberta e começou a olhar para mim. Quiz pôl-o fóra; impossivel. Então lembrou-me a ameaça da sombra. — « Julio Cesar, » disse eu, chamando o gato; e immediatamente começou elle a fazer-me festas. Era fado ou occasião : mais tarde ou mais cedo o meu tumulo é o ventre d'este nobre animal.

— Acho que não tem razão de crer...

— Ah ! meu caro doutor... é razão e mais que razão. Quer ver ? Julio Cesar !

O gato, apenas ouvio este nome, pulou do sophá e começou a dar saltos mortaes por cima de um Niagara imaginario, a ponto de me obrigar a sahir da cadeira e ir para o sophá.

— Aquieta-te, Julio ! disse o velho.

O gato socegou ; trepou para uma poltrona e alli arranjou como a seu gosto.

Quanto a mim, sentindo no corpo um delicioso torpor , estendi-me no sophá e continuei a pasmar ouvindo a narração do meu Jayme-Bruto. Durou esta ainda uma boa meia hora ; fallou-me o homem das cousas da republica, da timidez de Cicero, da versatilidade do povo , da magnanimidade de Cesar, da politica de Octavio. Elogiou muito a antiga esposa de quem conservava eternas saudades ; e por fim calou-se.

Nenhum rumor ; o trovão não trouxera chuva ; as patrulhas andavam por longe ; nenhum caminhante feria as pedras da rua. Eram mais de dez horas. O meu amphytrião, sentado na cadeira de couro , olhava para mim, abrindo dois grandes olhos e eis que estes começam a crescer lentamente , e já ao fim de alguns minutos pareciam no tamanho e na côr as lanternas dos *bonds* de Botafogo. Depois, começaram a diminuir até ficarem muito abaixo do tamanho natural. A cara foi-se-lhe alongando e tomando proporções de focinho ; cahiram as barbas ; achatou-se o nariz ; diminuiu o corpo, assim como as mãos ; as roupas desappareceram ; as carnes tomáram uma côr escuro ; sahio-lhe uma extensa cauda, e eis o illustre Bruto, a saltar sobre a mesa, com a forma e as visagens de um rato.

Senti os cabellos eriçados ; tremia-me o corpo ; batia-me o coração.

No mesmo instante , o gato saltou á mesa e avançou para elle. Fitáram-se alguns instantes, o que me trouxe á memoria aquelles versos de Lucano, que o Sr. Castilho José nos deu magistralmente assim :

Nos altos, frente á frente, os dois caudilhos,
Sofregos de ir-se ás mãos, já se acampáram.

Após curto silencio, o gato avançou para o rato ; o rato pulou ao chão, e o gato atraz d'elle. Subio o rato ao sophá, e o gato tambem. Onde Bruto se escondesse, lá se mettia Cesar ; ás vezes o primeiro encarava de frente o segundo, mas este não se assustava com isso, e avançava sempre. Gemidos e roncros ferozes eram a orchestra d'esta dansa infernal. Exhausto de uma luta impossivel, o rato deixou-se cahir arquejante, e o gato poz-lhe a pata em cima.

Que penna descreveria o olhar triumphante de Cesar quando vio debaixo de si o miserando Bruto ? Não conheço nada em poesia ou pintura, — nem sequer na musica chamada imitativa — nada conheço que produza a impressão que me produziu aquelle grupo e aquelle olhar. De uma rivalidade secular, que lutou á luz do sol e da historia, passava-se alli o ulti-

mo acto, dentro de uma sala obscura, tendo por espectador unico um provinciano curioso.

O gato tirou a pata de cima do rato; este deu alguns passos; o gato tornou a pegal-o; repetio a scena uma porção de vezes; e se isto era natural de um gato, não era digno de Cesar. Acreditando que me ouvissem, exclamei :

— Não o tortures mais !

O gato olhou para mim e pareceu comprehender-me; effectivamente atirou-se ao rato com uma ancia de quem esperava ha muito aquella occasião. Vi, — que horror ! — vi o corpo do nobre Bruto passar todo ao estomago do divino Cesar; vi isto, e não lhe pude valer, porque eu tinha a presumpção de que as armas da terra nada podiam contra aquella lei do destino.

O gato não sobreviveu á vingança. Apenas comeu o rato, cahio tremulo, miou alguns minutos e falleceu.

Nada mais restava d'aquelles dois homens de Plutarcho.

Contemplei o quadro algum tempo; e fiz taes reflexões acerca das evoluções historicas e das grandezas humanas, que bem podia escrever um livro que faria a admiração dos povos.

De repente, duas luzes surgíram dos restos miserandos d'aquelle par da antiguidade; duas luzes azueis, que subíram lentamente até o tecto; o tecto abrio-se e eu vi distinctamente o firmamento estrellado. As luzes subíram no espaço.

Força desconhecida me levantou tambem do sophá, e eu acompanhei as luzes até meio caminho. Depois seguíram ellas, e eu fiquei no espaço, contemplando a cidade illuminada, tranquilla e silenciosa. Fui transportado ao oceano, onde vi uma concha á minha espera, uma verdadeira concha mythologica. Entrei n'ella e comecei a andar na direcção do oeste.

Proseguí esta amavel peregrinação de um modo verdadeiramente magico. De repente senti que o meu nariz crescia desmesuradamente; admirei o successo, mas uma voz secreta me dizia que os narizes são sujeitos a transformações inopinadas, — razão pela qual não me admirei quando o meu appendice nazal assumio successivamente a figura de um chapéo, de um revolver e de uma jaboticaba. Voltei á cidade; e entrei nas ruas espantado, porque as casas me pareciam todas voltadas com os alicerces para cima, cousa summamente contraria á lei das casas, que devem ter os alicerces em baixo. Todos me apertavam a mão e perguntavam se eu conhecia a ilha das chuvas, e como eu respondesse que não, fui levado á

dita ilha que era a praça da Constituição e mais o seu jardim pomposamente illuminado.

N'esta preocupação andei até que fui levado outra vez á casa onde se passára a tragedia referida acima. A sala estava só; nem vestigio dos dois homens illustres. O lampião estava a expirar. Sahi atterrado e descí as escadas até chegar á porta onde achei a chave. Não dormi n'essa noite; a madrugada veio surprender-me com os olhos abertos, contemplando de memoria o miserando caso da vespera.

Fui almoçar ao Carceller.

Qual não foi porem o meu espanto quando lá encontrei vivo e são aquelle que eu já suppunha na eternidade?

— Venha cá, venha cá! disse elle. Porque sahio hontem de casa sem fallar?

— Mas... o senhor... pois Cesar não o engolio?

— Não. Esperei a hora fatal, e apenas ella passou, dei gritos de alegria, e quiz accordal-o; mas o senhor dormia tão profundamente que achei melhor ir fazer o mesmo.

— Ceos! pois eu...

— Effeitos do charuto que lhe dei. Teve bellos sonhos, não?

— Todos, não; sonhei que o gato o engolia...

— Ainda não... Agradeço-lhe a companhia; agora esperarei o anno que vem. Quer almoçar?

Almocei com o homem; no fim do almoço offereceu-me elle um charuto, que eu recusei dizendo:

— Nada, meu caro; vi cousas terriveis esta noite...

— Falta de costume...

— Talvez.

Sahi triste. Procurava um homem original e achei um maluco. Os de juizo são todos copiados uns dos outros. Consta-me até que aquelle mesmo homem de Plutarcho, freguez do Carceller, curado por um habil medico, está agora tão commum como os outros. Acabou a originalidade com a maluquice. *Tu quoque, Brute?*

MAX.

